

Mulheres Erveiras da Feira do Ver-o-Peso na ordem interdita do discurso: as palavras proibidas

Women Herbalists at the Ver-o-Peso Fair in the inhibited Order of Discourse: the forbidden words

Denise Gabriel Witzel¹

Nelma do Socorro Santana Queiroz²

RESUMO: Pelo viés dos Estudos Discursivos Foucaultianos (EDF), objetivamos analisar o tabu linguístico – a palavra proibida, segundo Michel Foucault – em relação às práticas discursivas e não discursivas em torno das mulheres erveiras da feira do Ver-o-Peso, em Belém do Pará. O que elas dizem em seu espaço de trabalho, com o objetivo de venderem essências, perfumes, banhos de cheiro ou óleos destinados, em regra, à supressão de necessidades afetivas e sexuais de mulheres, é muitas vezes retirado de seu lugar de enunciação e reverberado pelos dispositivos midiáticos, produzindo outros efeitos de verdade. Para as análises, focalizaremos os acontecimentos discursivos que ganharam visibilidade, debate e polêmica na mídia; valendo-nos, prioritariamente, dos conceitos e noções basilares da arqueogenealogia de Michel Foucault, destacamos as noções de discurso, enunciado, tabu do objeto e dispositivo de sexualidade. Os discursos analisados apontam para a circulação de saberes e poderes que desafiam regimes de verdade e padrões normalizadores em relação à sexualidade feminina, na medida em que apresentam regularidades, na dispersão, escancarando o tabu do objeto

¹ Professora do Departamento de Letras da Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná, Campus de Guarapuava; atua no Programa de Pós-Graduação em Letras e coordena o Laboratório de Estudos do Discurso da Unicentro (LEDUNI/UNICENTRO). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4685-7574>. E-mail: denise@unicentro.br.

² Doutoranda em Letras na Interface entre Língua e Literatura pela Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná; Professora efetiva da SEDUC-PA; membro do Laboratório de Estudos do Discurso da Unicentro (LEDUNI/ UNICENTRO) e do Grupo de Estudos das Identidades e Subjetividades Pan-Amazônicas (GEDISPAN/UFPA) ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-5921-8715>. E-mail: nelma.queiroz80@gmail.com.

diretamente ligado a questões dos desejos e afetos historicamente silenciados e/ou interditados; por terem sido ditos e reproduzidos na mídia funcionam como mola propulsora de batalhas discursivas que colocam em relevo a fala “irreverente” da mulheres ervaíras e tentam apagar um saber ancestral em relação ao poder das ervas amazônicas.

Palavras-chave: Mulheres ervaíras; Saber-Poder; Sexualidade/Afetividade; Estudos Discursivos Foucaultianos

Abstract: *Through the lens of Foucauldian discourse analysis (FDA), the aim of this research is the analysis of a linguistic taboo — defined by Foucault as forbidden words — and its relation with discursive and non-discursive practices surrounding women herbalists at Ver-o-peso street market, located in the city of Belém do Pará. The sayings of these women sellers in their workplace — with the aim of selling herbal essences, perfumes, scent baths, and oils with purposes of fulfilling women’s affective and sexual needs — are frequently displaced from their place of enunciation and reverberated by media, where different meanings are produced. In our analysis, we focus on discursive events that brought these women’s work into public debate and visibility with media uproars, relying on Michel Foucault’s archeogenealogical method, with a focus on his notions of discourse, statement, taboo of the object, as well as sexuality device. The analyzed discourses pinpoint a circulation of knowledge and power that defies regimes of truth and normative patterns regarding women’s sexuality, insofar as they present regularities in its dissemination, revealing the taboo of the object as directly linked to desires and affections historically silenced and/or inhibited; in its media representation, where they work as a catalyst of discursive fights — those that highlight the “irreverent” aspect of those women’s speech and end up, thus, effacing the ancestral knowledge regarding the “power of Amazonian herbs.”*

Keywords: Women Herbalists; Knowledge/Power; Sexuality/Affectivity; Foucauldian Discourse Analysis.

Introdução

Orientado teórica e metodologicamente pelos Estudos Discursivos Foucaultianos (EDF), este estudo descreve e analisa discursos em torno da sexualidade e da afetividade feminina, focalizando falas de mulheres ervaíras enunciadas na maior feira da América Latina, o Ver-o-Peso, em Belém do Pará-Brasil. Seleccionamos, para esse fim, falas recortadas, reproduzidas e criticadas na grande mídia que desencadearam séries enunciativas, dentro de outras séries, controladas sobretudo por procedimentos de interdição dos discursos, segundo as formulações de Michel Foucault e *A ordem do discurso* (2013a). Nessa direção, há que se considerar que não se pode falar de tudo em quaisquer circunstâncias, pois há o tabu do objeto, o ritual da circunstância e o direito exclusivo de quem fala.

Importante sublinhar que as mulheres erveiras são as que manipulam e/ou comercializam ervas na referida feira. Seus saberes tradicionais, que foram e ainda são repassados de geração em geração, as tornam figuras emblemáticas na Amazônia por meio de seus conhecimentos e práticas ancestrais sobre ervas, cascas, raízes e outros elementos naturais. Além disso, desempenham um papel vital nas comunidades tradicionais e na vida da população belenense, que muitas vezes encontram “no poder das ervas uma fonte de cura para as doenças do corpo e da alma”, como as erveiras costumam dizer.

O ofício desenvolvido por elas – reconhecido pela Câmara Municipal de Belém, em 2024, como Patrimônio Cultural Imaterial da cidade³ – é uma maneira de preservação das práticas tradicionais de cura e da ancestralidade que elas representam da/na Amazônia. No entanto, essas práticas são muitas vezes alvo de críticas relacionadas, fundamentalmente, a estereótipos de gênero, preconceitos sociais e culturais, com destaque no que se refere ao tradicional papel das mulheres em espaços públicos. Em nome de certa moralidade, trava-se uma luta discursiva em defesa da nulidade, invisibilidade e apagamento daquelas mulheres compreendidas como sujeitas desobedientes, impulsionadas por contracondutas (GROS, 2018; FOUCAULT, 2008) em face de padrões sociais e culturais reconhecidos.

Ao analisarmos a emergência de suas falas, destacaremos o tabu linguístico imposto sobre os discursos, de modo geral, e sobre o das mulheres erveiras, de modo específico, notadamente os efeitos que ele reproduz. Considerando o “poder das ervas para fins sexuais e afetivos”, materializado nas essências e propagado como “o atrativo do amor”, selecionamos para fins de análise três sequências discursivas, doravante SE, que foram (re)produzidas e disseminadas na grande mídia, a saber: (i) a primeira SE é uma notícia veiculada pelo jornal O Liberal sobre a visita da cantora Anitta ao Ver-o-Peso, por ocasião da gravação de seu videoclipe em Belém do Pará, em 2021, em que ela diz ter comprado banho de cheiro para “pegar mais homem”; (ii) a segunda SE é uma postagem no *Instagram* da atriz e influenciadora digital

³ Cf. <https://www.oliberal.com/belem/oficio-de-erveiras-do-ver-o-peso-e-patrimonio-cultural-imaterial-de-belem-1.808933>

Alane Dias, ex-participante do Reality Big Brother Brasil, por ocasião do Carnaval 2025, em que desfilou pela escola de samba Grande Rio, cujo tema homenageou o Estado do Pará, e aproveitou um dos ensaios para apresentar “os cheirinhos” do Ver-o-Peso; (iii) a terceira SE é um excerto da entrevista concedida pela erveira Beth Cheirosinha ao canal Manguinhos, do Jornal O liberal⁴, em 2022, quando apresentou com minúcias o trabalho desenvolvido pelas vendedoras de ervas do Ver-o-Peso.

No encalço dos mecanismos provedores de embates discursivos promovidos pelas Sequências Enunciativas selecionadas que tratam precisamente do “poder das ervas amazônicas”, daremos visibilidade às tramas discursivas enredadas no dispositivo de sexualidade cujas linhas de força estabelecem tanto uma tentativa de controle sobre o discurso quanto uma (im)possibilidade de funcionamento do tabu linguístico imposto sobre essas práticas discursivas. O que elas dizem? Por que são interditas? Qual o perigo de elas dizerem o que dizem? As respostas serão apresentadas nos gestos de análise a seguir.

O dispositivo de sexualidade e o tabu do objeto, segundo o método arqueogenealógico

Michel Foucault não formulou um método de análise dos discursos; em sua *Arqueologia do Saber*, propõe um gesto metodológico segundo o qual, em primeiro lugar, é preciso isolar a instância do acontecimento para, então, fazer o recorte da série enunciativa de interesse, de modo a identificar as relações entre os elementos de uma série e, por fim, descrever as posições de subjetividades constituídas pelo acontecimento (NAVARRO, 2020).

Precisamente sobre o método arqueogenealógico, Gregolin e Neves (2021, p. 12) esclarecem que se trata de “[...] uma atitude analítica e ao mesmo tempo um método de análise”, o qual busca, entre tantos caminhos, estabelecer relações entre a crítica e a genealogia foucaultianas para investigar os procedimentos (discursivos e não discursivos) que controlam o que se pode

⁴ Sobre o Jornal *O Liberal*, nos últimos anos foram inúmeras as matérias realizadas com as erveiras do Ver-o-Peso, o que evidencia a notoriedade dada pelo jornal a essas mulheres, corroborando uma visibilidade discursiva em torno das práticas de manipulação e de venda de ervas.

e se deve dizer em um certo momento histórico. Nessa direção, esquadram-se as formações efetivas dos discursos, considerando a sua dispersão, descontinuidade e regularidade nas relações saber-poder. Em outras palavras, para além das estruturas linguísticas e estruturais, o método arqueogenealógico se preocupa em entender a língua com suas estratégias “[...] muitas vezes belicosas, que envolvem o corpo e suas formas de vida, num espaço biopolítico de disputa de poder” (GREGOLIN; NEVES, 2021, p. 12).

Para analisarmos o tabu linguístico – a palavra proibida – em relação às práticas discursivas e não discursivas em torno das mulheres erveiras da feira do Ver-o-Peso, adquire especial relevo, a partir desse método, o dispositivo de sexualidade feminina em funcionamento nos discursos midiáticos sobre “o poder das ervas amazônicas”, por meio das práticas discursivas que acionam e atravessam modos de subjetivações de mulheres, tendo em vista que o sujeito se constitui como tal a partir da relação indissociável entre a linguagem, a história e a sociedade.

Sobre a constituição de uma sociedade de sexualidade, mobilizadas por mecanismos de poder, Foucault observa que

O que determina a sua importância não é tanto sua raridade ou precariedade quanto sua insistência, sua presença insidiosa, o fato de ser em toda parte provocada e temida. O poder a esboça, suscita-a e dela se serve como um sentido proliferante de que sempre é preciso retomar o controle para que não escape [...] (FOUCAULT, 1988, p. 161).

Em sua vasta produção sobre a História da Sexualidade, Foucault parte do princípio de que o dispositivo de sexualidade emerge como uma resposta a uma urgência em um dado momento histórico. Trata-se de um mecanismo de controle, um dispositivo de poder sobre a sexualidade, onde o que está em jogo é a análise do poder com suas devidas funcionalidades nas relações interdiscursivas que se apresentam por meio da histerização do corpo da mulher, da pedagogização do sexo da criança e da socialização e economia sobre as condutas de procriação, ou ainda a psiquiatrização do prazer perverso. Sintetiza, destacando que “o dispositivo de sexualidade tem, como razão de ser, não o reproduzir, mas o proliferar, inovar, anexar, inventar,

penetrar nos corpos de maneira cada vez mais detalhada e controlar as populações de modo cada vez mais global” (1998, p.118).

Mostrando que o cerne da questão não está na hipótese de uma repressão, tampouco na fundamentação de uma sexualidade reprimida, esclarece os modos, mecanismos ou estratégias de se estabelecerem condutas e comportamentos sexuais usados por instituições que regem e normatizam padrões – mediante práticas de interdição e de controle de condutas –, pelos quais é possível compreender os mecanismos daquilo que se considera anormal, pecaminoso ou patológico.

Soma-se isso ao nosso objeto de interesse analítico: o tabu do objeto sobre o qual trata o filósofo em *A ordem do discurso*, na medida em que a palavra proibida está no cerne do discurso que funciona como procedimento de interdição e de exclusão.

Em uma sociedade como a nossa, conhecemos, é certo, procedimentos de exclusão. O mais evidente, o mais familiar também é a interdição. Sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa. Tabu do objeto, ritual da circunstância, direito privilegiado ou exclusivo do sujeito que fala: temos aí o jogo de três tipos de interdições que se cruzam, se reforçam ou se compensam, formando uma grade complexa que não cessa de se modificar (FOUCAULT, 2013a, p. 9).

Essa chave de leitura, usada para tratar o discurso sobre a sexualidade feminina, direciona para uma das questões principais apresentadas pelo filósofo: como, nas instituições ocidentais, o discurso está associado a mecanismos de poder, tendo em vista que a produção discursiva busca não só estabelecer os modos de verificação, como também através dela exercer controle sobre o sujeito? Nesse bojo, estão os discursos que concorrem para os modos de verificação sobre a sexualidade em diversos campos do saber – como a psicologia, a medicina ou a pedagogia –, estabelecendo cooperativamente comportamentos considerados desejados por diversos meios de poder vigente. A mídia, sobretudo as redes sociais, articula-se a procedimentos de controle dos discursos.

Assim sendo, entendemos como questão central e emergente sob o olhar discursivo foucaultiano acerca do dispositivo de sexualidade o seguinte: como o discurso se organiza e se manifesta, bem como quais são seus efeitos de verdade? São questões centrais trazidas pelo filósofo n’*A ordem do discurso*, mas que se sobrepõem à pergunta feita no início da aula: onde está o perigo do discurso e de sua proliferação? (FOUCAULT, 2013a, p. 8). São inquietações que nos permitem pensar como o discurso sobre a sexualidade nas vozes de/sobre mulheres erveiras eclode, se organiza e se manifesta, com seus efeitos de verdade a respeito do “poder das ervas amazônicas”.

A sexualidade, para Foucault, é uma das regiões onde a grade da interdição é mais cercada, cuja polêmica relacionada ao tema mostra de maneira exemplar como as interdições – o tabu do objeto, o ritual da circunstância e o direito privilegiado ou exclusivo do sujeito que fala – estão vinculadas ao poder do discurso: “Por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder” (FOUCAULT, 2013a, p. 9-10).

Foucault, ao tratar das condições de funcionamento do discurso ou do mecanismo de ligação e exclusão entre os sujeitos, dedica-se a questões relacionadas à exclusão de discursos, levando-nos a refletir como determinados grupos e vozes são silenciadas. É por esse caminho que Foucault (2013a) mostra compreensões a respeito da função discursiva na sociedade: tratar do discurso como um papel ativo para a constituição da subjetividade, bem como para a formação de identidades, tendo em vista que o discurso influencia como os indivíduos se veem e se comportam. É isso que pode ser percebido por meio dos diferentes discursos midiáticos em torno das práticas de manipulação e venda de ervas com finalidades afetivas e sexuais, o que passaremos a discutir posteriormente.

“O poder das ervas” e a sexualidade feminina: entre as heterotopias do Ver-o-Peso e espaços midiáticos

Para desenvolvermos o gesto de leitura dos discursos sobre a sexualidade recorrente nas falas das mulheres erveiras, é preciso, inicialmente, esclarecer que suas falas emergem em um espaço heterotópico. Sobre o

conceito de heterotopia, Michel Foucault (2013b, p. 24) assevera que “[...] em geral, a heterotopia tem como regra justapor em um lugar real vários espaços que, normalmente, seriam ou deveriam ser incompatíveis”. No que tange ao Complexo Ver-o-Peso, é relevante pensarmos em um espaço de exclusividade heterotópica, por ser, além do retrato cultural da Amazônia, entendido também como um lugar de passagem, que recebe diariamente visitantes das mais variadas origens, nacionais e internacionais, que vêm à feira atraídos por produtos da região, os quais abrem caminhos para um mergulho, como já assinalamos, no saber ancestral do povo Amazônida.

O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) considera o Ver-o-Peso como um complexo arquitetônico e paisagístico, com mais de 5.000m². Atualmente, é constituído por mercados, praças e comércio populares destinados a vendas de produtos regionais, bem como as áreas de feiras; setor de artesanato; setor das ervas e produtos medicinais. Desse modo, entendemos que o espaço se constitui de uma heterotopia e ancestralidade cultural. Para Bulhosa (2022, p. 18), trata-se de “[...] um importante lugar de práticas culturais, onde o cotidiano regional e o imaginário amazônico se reproduzem e se perpetuam por meio das mais diversas atividades tradicionais”.

É nesse espaço, portanto, que irrompe a fala – e escuta – pública das mulheres erveiras. Como já dissemos no início deste estudo, elas publicizam dizeres oriundos dos saberes ancestrais dos povos da floresta materializados nas essências, perfumes, óleos e banhos de cheiro: produtos vendidos no setor das ervas destinadas à cura de doenças do corpo e da mente, da ordem psíquica, emocional, espiritual e afins. Para isso, no momento da venda, elas atualizam discursos referentes à vida privada, dando visibilidade e promulgando verdades, por exemplo, a respeito da afetividade e da sexualidade de mulheres, ao tempo em que apontam possíveis soluções para tais problemas a partir do consumo das ervas – manipuladas ou não – e explicam o modo de usá-las.

Entendemos que há um conjunto de ordenações que se relacionam com o que pode ou não ser dito em torno da procura de um produto que retroalimenta desejos vendidos em feira livre. Assim, o dizer da sujeita que

comercializa esse desejo mostra não apenas vontades de verdade, como também provoca o tabu do objeto na medida em que trata da sexualidade e afetividade feminina de modo peculiar; mais ainda, provoca preconceitos que emergem socialmente e negam dizeres, interditando-os ou silenciando-os, escancarando, assim, o tabu linguístico que recai sobre tais discursos.

Para além dos discursos publicizados na heterotopia do Ver-o-Peso, temos os dos espaços midiáticos e sua proximidade com a análise de discurso como campos de estudos que se complementam, tendo em vista a sua relação com a produção social de sentido (GREGOLIN, 2007). Assim, urge trazer à baila o espaço midiático como um dispositivo discursivo por meio do qual se constroem identidades.

Os discursos veiculados pela mídia, baseados em técnicas como a confissão (reportagens, entrevistas, depoimentos, cartas, relatórios, descrições pedagógicas, pesquisas de mercado) operam um jogo no qual se constituem identidades a partir da regulamentação de saberes sobre o uso que as pessoas devem fazer de seu corpo, de sua alma, de sua vida (GREGOLIN, 2007, p. 18).

Por fim, a partir da mídia é possível estabelecer uma aproximação entre o espaço midiático e o campo da análise de discurso que se constitui de reflexões sobre a contribuição das discursivizações para a construção das identidades sociais. Consoante Gregolin (2007, p. 24), “[...] a mídia é uma fonte poderosa e inesgotável de produção e reprodução de subjetividades, evidenciando sua sofisticada inserção na rede de discursos que modelam a história do presente”.

Entre o público e o privado: discursos sobre a sexualidade/afetividade feminina e o “poder das ervas” nas mídias digitais

Ao trazer a público um produto que, nas palavras das ervaíras, trazem benefícios de ordem física, emocional, sexual – apresentando no seu modo de usar possíveis soluções para problemas afetivos e conjugais –, elas trazem falas que apresentam problemas na ordem do privado e, com isso, dão visibilidade a vozes que causam incômodo em parte da sociedade e que, por esse motivo, geralmente são silenciadas, quando não atacadas, reprimidas, condenadas etc.

Figura 1 – Alguns produtos de venda de desejos



Fonte: Acervo das autoras (2024).

Produtos que têm como essência ervas com nomes inusitados para alguns são vendidas em forma de perfumes, óleos ou banhos de cheiro, como, por exemplo, “chega-te a mim”, “chora nos meus pés”, “carrapatinho”, “agarradinho”, “amansa”, “chama”, “cachorrinho”, “chora nos meus pés”, “faz querer quem não me quer”, “pega e não me larga”, “corre atrás”, “queira ou não queira tem que me querer”. São produtos que estão no cerne de um funcionamento discursivo que apresenta articulações em torno de relações saber-poder-si, vontades de verdade e tabu do objeto, mobilizando o dispositivo de sexualidade nas tramas discursivas assentadas nas mídias contemporâneas.

No mês de novembro, de 2021, em visita ao Ver-o-Peso para a gravação de um videoclipe, a cantora Anitta foi alvo de notícia em uma das maiores mídias do norte do país, o Jornal *O Liberal*, que trouxe a manchete “Anitta diz ter comprado ‘banho de cheiro’ com erveira do Ver-o-Peso para ‘*pegar mais homem*’” (grifo nosso). No corpo da notícia lemos: “Nesta segunda-feira (29), durante uma pausa nas gravações do novo clipe, a cantora Anitta entrou no Mercado do Ver-o-Peso e comprou um atrativo, ‘banho’ feito com ervas com um único intuito: pegar mais homens”. Continuando o texto, destacamos que, em uma publicação feita nos *stories*, a artista mostrou o momento em que se aproximou de uma erveira do Complexo, tendo adquirido o produto. SE 1: “*Aproveitei que eu tô aqui pra pegar um óleo da bota para pegar os boys de jeito*”, disse a cantora.

Figura 2: Anitta no setor das ervas do Ver-o-Peso



Fonte: Jornal O liberal⁵.

Sobre a matéria, cabe frisar que Anitta é uma figura representativa de uma cultura alicerçada na contraconduta feminina, na consolidação de dizeres pautados em práticas de liberdade, de resistência, de autonomia e emancipação perante as estruturas de poder. Ou seja, a artista é vista por muitos como representativa de uma desobediência ética, encarada como uma maneira de se colocar de modo afirmativo perante a liberdade humana. Podemos entender, portanto, que a artista é a representação de uma forma de desobediência às estruturas de poder regidas por normatizações de condutas de mulheres frequentemente reprimidas em suas práticas de liberdade. Dito isso, podemos ver com Frederic Gros (2018, p. 34) que “[...] a submissão é uma relação de forças histórica, portanto reversível. Por isso a insubmissão é seu avesso, seu futuro próximo, sua revanche”.

Michel Foucault (2008) abre uma reflexão crítica sobre a evolução do biopoder e o princípio da governamentalidade. Além de tratar de formas de controle de condutas, apresenta formas de contracondutas, aquelas que desestabilizam as estruturas de poder e as tentativas de controle por meio de múltiplos dispositivos e práticas sociais. Assim, tendo em vista que podemos considerar “Contraconduta no sentido de luta contra os procedimentos postos em prática para conduzir os outros” (FOUCAULT, 2008, p. 266), ao refletir sobre a importância desses tipos de prática que, segundo Foucault, equilibram as relações de poder, encontramos na cultura de manipulação de ervas para fins sexuais e afetivos de mulheres na sociedade contemporânea algo que

⁵ Disponível em: <https://www.oliberal.com/cultura/celebridades/anitta-diz-ter-comprado-banho-de-cheiro-com-erva-do-ver-o-peso-para-pegar-mais-homem-1.465974>. Acesso em: 29 mar. 2025.

estabelece aproximação com práticas de contraconduta de que trata Gros (2018) e Foucault (2008).

A segunda SE, como exposto anteriormente, faz referência a uma publicação da influenciadora digital Alane Dias na rede social *Instagram*, por ocasião dos ensaios da Escola de Samba Grande Rio, que este ano homenageou o Pará.

Figura 3: Post de Alane Dias



Fonte: *Instagram* de Alane Dias (2024).

No vídeo que acompanha a postagem:

SE 2 - Chega-te a mim. Vocês sabem o que são os “cheirinhos atrativos” do mercado do Ver-o-Peso em Belém do Pará? O meu Norte é cheio de mistérios e encantos e esses daqui são os meus favoritos [imagem dos “cheirinhos”]. As erveiras da maior feira livre da América Latina são as disseminadoras da nossa cultura ancestral e esses elementos trazem amor, prosperidade e afasta inveja. Tem cheirinho para tudo que você precisa. Tudo mesmo, viu?! Porque os mais famosos são os amorosos, que paraense é romântico, né? O preparo do amor é individual e deve ser usado atrás da orelha, como um perfume e nos braços de baixo pra cima, sempre chamando. Mas se você já tiver alguém, faz assim: pega o nome da pessoa, escreve num papel, dobra, coloca dentro do cheirinho e passa que é pra manter a pessoa lá. Aproveita e corre logo no Ver-o-Peso para garantir o seu banho de cheiro, porque tudo que vem do Pará é MA-RA-VI-LHO-SO. Vocês sabem o que são os “cheirinhos atrativos” no mercado do Ver-o-Peso, em Belém do Pará? O meu Norte é cheio de mistérios (Alane Dias).⁶ (grifo nosso).

Nesta SE, identificamos primeiramente a predominância do enunciado de instrução para uso do produto com fins afetivos e sexuais quando Alane

⁶ Disponível em: https://www.instagram.com/p/DDDjn7jtQEa/?utm_source=ig_embed&utm_campaign=embed_video_watch_again. Acesso em: 30 mar. 2025.

Dias faz o chamamento para aguçar a curiosidade dos internautas sobre o uso do produto por meio da instrução: “[...] *deve ser usado atrás da orelha, [...] e nos braços de baixo pra cima, sempre chamando. Mas se você já tiver alguém, faz assim: pega o nome da pessoa, escreve num papel, dobra, coloca dentro do cheirinho e passa o que é pra manter a pessoa lá*”. Vemos essa regularidade discursiva tanto nas falas das erveiras⁷ quanto nas falas das pessoas que fazem uso do produto, ou, ainda, pelos que têm objetivo de divulgação, haja vista que o seu uso requer um ritual recomendado no momento da compra do produto.

No caso da *influencer*, há uma hipervalorização desse ritual e dos saberes ancestrais que fazem parte da cultura amazônica como estratégia de visibilidade, considerando que a paraense é conhecida por disseminar a cultura paraense e amazônica pelas demais regiões do país, o que se pode observar também na imagem que acompanha o vídeo: “*nossa cultura é uma explosão de misticismo [...]*”.

A imagem que acompanha o vídeo (figura 3) traz dois comentários de internautas. No primeiro é notório o tabu do objeto de que fala Foucault n’*A ordem do Discurso*, já que a pessoa que demonstra interesse por um “cheirinho” não apresenta claramente o seu título, pois este se refere à genitália humana, mas o apresenta em caixa alta para dar visibilidade ao produto de desejo: “*E quero o CHORA NO MEU EDI*”; colocando, assim, em evidência que há uma maquinaria discursiva que controla o que se pode ou não verbalizar, inclusive nas redes sociais.

Ainda na imagem, destacam-se os efeitos de verdade que emergem a partir de enunciados de internautas a respeito da influenciadora e de sua postagem. Em um dos comentários alguém diz: “*Mulher superficial. Credoo*”. O que convoca para o debate a reprovação do *post* de Alane Dias e tudo o que representa aquilo que ela apresenta sobre os “cheirinhos atrativos” e a cultura regional. Na tentativa de regularizar o discurso, observamos comentários que desqualificam sujeitos e dizeres, muito comum em redes sociais, mas que demonstram não apenas a intenção de visibilizar a desqualificação de uma

⁷ Sobre isso, trataremos nas sequências enunciativas protagonizadas pela erveira Beth Cheirosinha, no andamento deste artigo.

mulher, como também tudo o que ela representa como divulgadora de uma cultura desprezada por muitos.

A última SE refere-se à entrevista da erva Beth Cheirosinha concedida ao videocast do jornal *O liberal*.

Figura 4: Entrevista com Beth Cheirosinha



Fonte: Canal O liberal, no Youtube.

No dia 15 de junho de 2022, o repórter Ismaelino Pinto entrevistou Bernadeth Costa, mais conhecida como Beth Cheirosinha – uma das ervas mais conhecidas do Ver-o-Peso. A entrevista foi concedida ao canal Mangueirosamente do jornal *O liberal*: trata-se de um *videocast* disponível em várias plataformas digitais⁸. O canal tem mais de 294 mil inscritos e a entrevista tem mais de três mil e quinhentas visualizações, 174 curtidas, nenhuma manifestação de rejeição ou marcação como “não gostei”, e 17 comentários até o momento da escrita deste trabalho – em sua maioria elogiando o trabalho da erva e buscando mais contatos e informações a respeito das ervas.

Durante a entrevista, Ismaelino Pinto afirma que as ervas atuam como conselheiras e “*quase psicólogas*” com a ajuda das ervas. Sobre isso, ela diz: SE 3 - “[...] eu exijo do freguês que leve, tome o remédio e depois volte para me dá o resultado. E volta! Com certeza volta!”. Quanto aos relatos das pessoas que buscam as soluções para problemas sentimentais/afetivos ou sexuais, a erva Beth Cheirosinha diz:

SE 4 - Sim, as pessoas voltam falando que arrumou o namorado, que arrumou a mulher. Quando a mulher vai embora, eles vão lá pedir para mim fazer ela voltar. Aí eu passo o remédio ‘atrativo do amor’. Primeira coisa que eu digo: você toma logo um ‘banho de descarrego’ que é pra tirar o olho gordo, a inveja de cima de vocês, sabe? [...] depois você vai usar o ‘atrativo do amor’ com o nome dela dentro. Aí a pessoa usa. Depois eu digo: você vai voltar aqui. [...]

⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2K-zeyojvj0>. Acesso em: 29 mar. 2025

tem que escrever o nome dela ou dele, escreve no papel e coloca dentro do vidrinho e depois usa assim que nem um perfume. Chega eles vêm, assim, babando. [...] Não pode divulgar, não pode emprestar, porque se uma mulher comprar um vidro desse e emprestar pra amiga: o homem que quer uma quer a outra. Aí não pode, de maneira nenhuma. Cada uma de nós tem que ter o seu preparo individual. O que pode: colocar quantos nomes de homem quiser aqui dentro. Pode! Eu ainda brinco com o freguês: manda fazer fila, escolhe o que você quer⁹.

Nessas sequências enunciativas temos vários atravessamentos interdiscursivos que vão para além da tentativa de resolução dos problemas afetivos e sexuais de pessoas que procuram os produtos manipulados pelas ervaíras. Sobressaem-se a consistência, o poder, a presença efetiva da ancestralidade, dos saberes genuínos dos povos amazônicos: *“Primeira coisa que eu digo: você toma logo um ‘banho de descarrego’ que é pra tirar o olho gordo, a inveja de cima de vocês, sabe? [...]”*. “Banho de descarrego” é um “preparado” de ervas que tem por objetivo fazer uma limpeza espiritual contra energias negativas.

Na sequência, Beth cheirosinha faz referência ao “atrativo do amor”, uma essência preparada com ervas que tem por objetivo atrair a pessoa amada. Na fala da ervaíra, é possível entender que não se pode fazer uso dessa essência de qualquer maneira: há uma espécie de ritual ou passo a passo a se seguir no momento do uso. Daí a importância do enunciado de instrução proferido por ela: *“[...] tem que escrever o nome dela ou dele, escreve no papel e coloca dentro do vidrinho e depois usa assim que nem um perfume. [...] O que pode: colocar quantos nomes de homem quiser aqui dentro. Pode!”*.

Sobre o uso individual, *“[...] Não pode divulgar, não pode emprestar, [...] Cada uma de nós tem que ter o seu preparo individual”*: eis uma das singularidades do produto, que tem um ritual específico de preparo. Segundo Beth Cheirosinha, tudo é feito em sua casa e durante o preparo é feita uma oração, *“[...] uma meditação boa que é para as coisas dá tudo certo com as pessoas que vão comprar [...] eu não só vendo com a intenção de pegar no dinheiro, mas eu quero que a pessoa se dê bem e depois volte pra me dá o*

⁹ Cf. <https://www.youtube.com/watch?v=2K-zeyovj0> (tempo: 5'17").

resultado positivo". De modo assertivo, afirmando que o produto entrega o efeito esperado, ela ainda declara: *"Eu ainda brinco com o freguês: manda fazer fila, escolhe o que você quer"*, em referência à quantidade "homens" pretendidos pela cliente; ou ainda *"[...] eu exijo do freguês que leve, tome o remédio e depois volte para me dá o resultado. E volta! Com certeza volta!"* (SE 3).

Ainda sobre a SE 4, mesmo apresentando uma postura de contraconduta, no que se refere a atitudes que destoam e enfrentam a norma vigente estabelecida, seguem os padrões normativos e regimes de verdade que reafirmam a heteronormatividade quando fazem referência aos efeitos do "atrativo do amor", reafirmando o padrão de ética e de moralidade estabelecido socialmente: *"[...] o homem que quer uma quer a outra. Aí não pode, de maneira nenhuma"*.

Assim, ao mesmo tempo em que a SE extrapola a regulação do discurso vigente, quando a erveira diz *"O que pode: colocar quantos nomes de homem quiser aqui dentro. Pode! [...] manda fazer fila, escolhe o que você quer"*, percebemos como o poder normatizador de um padrão conjugal estabelecido e imposto pela heteronormatividade e pelo poder patriarcal se estabelece na trama discursiva. Coloca-se assim o poder ancestral das ervas, materializado na composição do "remédio" – visto socialmente como uma prática marginalizada –, a serviço de instituições que moldam discursos aceitáveis socialmente e fazem constantemente formas de controles e regulação do discurso.

Considerando a venda como um acontecimento discursivo, outro aspecto relevante é o linguajar típico das erveiras no momento da venda. Sobre isso, o entrevistador Ismaelino Pinto interpela Beth Cheirosinha: *"[...] você criou um linguajar próprio pra chamar ali, pra dialogar com o cliente, como é que surgiu isso?"*. A erveira responde:

SE 6 - Eu levo elas pro *ti-ti-ti, ti-ti-ti, ti-ti-ti*. Vem cá que eu vou te ensinar, porque segredo não pode tá falando pra todo mundo ouvir. Ali são 80 barracas, uma agarrada na outra. Tem uma concorrência, mas eu dou conta delas todinhas [...] Aí eu chamo a cliente pra trás da barraca. Aí ela conta o problema dela... e ela ainda diz assim: *ai, dona Beth, é segredo, eu não quero que*

ninguém ouça isso. Aí eu pego, então vem cá, me fala o que tá acontecendo. Aí ela fala: ai, lá em casa, o meu marido assim, assim, assim”¹⁰.

Nessa última SE, além do ensinamento, há a prática de escuta, o que estabelece aproximação com o campo da psicologia. As erveiras apresentam uma abordagem genuína para a comercialização de ervas para fins sexuais e afetivos que requer um modo específico para tratar de problemas da ordem do discurso privado. Não se pode tratar de assuntos tão delicados publicamente: *“Vem cá que eu vou te ensinar, porque segredo não pode tá falando pra todo mundo ouvir”*. No entanto, o que é da ordem do privado passa a ser publicizado diariamente quando se trata da divulgação dos benefícios trazidos por produtos cujo objetivo está em tratar, servir de remédio, para problemas de foro íntimo: *“Aí ela conta o problema dela... e ela ainda diz assim: ai, dona Beth é segredo, eu não quero que ninguém ouça isso”*. Mesmo enquadrado no campo privado, o que é publicizado nas mídias carrega consigo a intimidade pública, sem melindres da exposição do “problema” em si.

Palavras de encerramento

As diferentes formas enunciativas para tratar da sexualidade feminina por meio dos discursos em torno do “poder das ervas”, por diferentes sujeitas sociais, apontam para efeitos de verdade associados ao que pode e ao que não pode ser dito em relação à fala de mulheres, sobretudo quanto aos desejos e afetos no campo da sexualidade feminina. Enunciados como *“óleo da bota para pegar os boys de jeito”* (Anitta), *“Cheirinhos atrativos”* (Alane Dias), ou *“Aí eu passo o remédio ‘atrativo do amor’* (Beth Cheirosinha) compõem o campo associado junto de muitos outros que se chocam com as estratégias de poder visando silenciá-los.

A discussão aqui proposta aponta o tabu linguístico imposto à fala pública de mulheres em relação à sexualidade e destaca a visibilidade de discursos recorrentes, mobilizados por um dispositivo de sexualidade que mobiliza ainda as bases da ancestralidade de mulheres amazônidas, chacoalhando estruturas de saber-poder que encontram resistência não apenas no palco da mídia brasileira, mas sobretudo nos mais variados espaços

¹⁰ Cf. <https://www.youtube.com/watch?v=2K-zeyojvj0> (tempo: 5'17").

heterotópicos – como no caso das feiras livres –, onde a identidade e subjetividade se constroem coletivamente, e a quem, de fato, pertence o discurso.

Referências

ANITTA diz ter comprado ‘banho de cheiro’ com erva do Ver-o-Peso para ‘pegar mais homem’. **O liberal**. Disponível em:

<https://www.oliberal.com/cultura/celebridades/anitta-diz-ter-comprado-banho-de-cheiro-com-erva-do-ver-o-peso-para-pegar-mais-homem-1.465974>.

Acesso em: 29 mar. 2025

BULHOSA, Ernesto Feio. **Ver-o-Peso**: lugar de cheiros, cores, sabores e mandigas. Belém-Pará: Cromos, 2022.

ENTREVISTA com Beth Cheirosinha. **O Liberal**: Canal Manguinhosamente.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2K-zeyojvj0>. Acesso em: 29 mar. 2025.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. Trad. Maria Tereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 02 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 23 Edição. São Paulo: Edições Loyola, 2013a.

FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico, As heterotopias**. São Paulo: Edições, 2013b.

FOUCAULT, Michel. **Genealogia da ética, subjetividade e sexualidade**. Ditos e Escritos IX. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

FOUCAULT, Michel. **Segurança, território e população**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

GREGOLIN, Rosário. Michel Foucault: o discurso nas tramas da história. *In*: FERNANDES, C.A.; SANTOS, J.B.C. (Org). **Análise do Discurso. Unidade e Dispersão**. Uberlândia: Entremeios, 2004.

GREGOLIN, Rosário. Análise do discurso e mídia: a (re)produção de identidades. **Comunicação, mídia e consumo**, v. 4, n. 11, p. 11-25, 2007.

GROS, Frédéric. **Desobedecer**. Trad. Célia Euvaldo. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

NAVARRO, Pedro. Estudos discursivos foucaultianos: questões de método para análise de discursos. **Revista Moara**, ed. 57, v. 1, 2020.

NEVES, Ivânia; GREGOLIN, Rosário. A Arqueogenealogia Foucaultiana como lente para a análise do Governo da Língua Portuguesa no Brasil: continuidades e disrupções. **Revista Moara**, ed. 57, v. 2, 2021.

OFÍCIO de ervaes do Ver-o-Peso é Patrimônio Cultural Imaterial de Belém. **O liberal**. Disponível em: <https://www.oliberal.com/belem/oficio-de-erveiras-do-ver-o-peso-e-patrimonio-cultural-imaterial-de-belem-1.808933> Acesso em: 30 mar. 2025.

VER-O-PESO (PA). **Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN)**: Belém (PA)-Cidades. Brasil (2023).

Disponível em:

<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/828#:~:text=Inaugurado%20em%201901%2C%20com%20o,uma%20s%C3%A9rie%20de%20constru%C3%A7%C3%B5es%20hist%C3%B3ricas>. Acesso em: 29 mar. 2025.

Recebido em: 10-04-2025

Aprovado em: 01-05-2025